



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências - Bauru



**PERSPECTIVAS DE ALUNOS E PROFESSORES SOBRE AS AULAS
LIVRES NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

MARIANE ALVES DA CORTE GONÇALVES

**Bauru
2019**

MARIANE ALVES DA CORTE GONÇALVES

**PERSPECTIVAS DE ALUNOS E PROFESSORES SOBRE AS AULAS
LIVRES NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Aparecida Ferreira

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Faculdade de Ciências da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” – Câmpus de Bauru, para
obtenção do grau de licenciada em
Educação Física

Bauru

2019

Dedico esse trabalho ao meu pai,
Vicente da Corte Gonçalves, minha
inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus familiares por me incentivarem nesse processo. Em especial para minha mãe, Eliana, que sempre me apoiou nas minhas decisões e se entregou junto comigo para que tudo pudesse ser realizado. Ao meu pai, Vicente, por todo exemplo e inspiração. À minha irmã, Mylena, verdadeira amiga, que me acompanhou dando suporte e cuidando da família enquanto estive ausente nesse ciclo da vida.

Aos meus amigos e amigas, em especial, Julia Almeida, Marília Santos, Rafael Teixeira, Thalles Mota, Victória Parracho, Lorrany Galhardo que me acompanharam nessa trajetória, gratidão pela compreensão e parceria.

Às minhas companheiras do time de futsal e a todos do atletismo, no qual pude reviver o amor pelo esporte.

À minha orientadora Lilian Aparecida Ferreira que, além de uma inspiração na área, contribuiu imensamente para minha formação profissional e pessoal, no qual pude desfrutar dos conhecimentos no qual você sempre transmitiu com muito amor e competência.

Às minhas queridas professoras, Denise Aparecida, Andressa Ugaya, Fernanda Rossi, Catia Costa, Suzi Dornelas, mulheres no qual me inspiro nessa profissão.

À UNESP Bauru em geral, por me proporcionar tantas emoções, amizades, transformações e momentos que ficarão eternamente guardados em meu coração.

RESUMO

A Educação Física tem convivido com os termos aulas livre tanto no cotidiano escolar quanto nas investigações acadêmicas. A preocupação com este tema parece ter ganhado evidência quando a área assumiu que envolvia uma dimensão não só do “fazer” nas aulas, mas do saber com este fazer e um saber construído pelas relações entre os alunos. Essa reconfiguração, por ampliar os conteúdos das aulas e também seus focos – com aulas também teóricas - implicou em mudanças nas aulas, trazendo resistências por parte dos estudantes e diminuindo o número de participantes nas mesmas. Para minimizar este conflito, muitos professores acabavam fazendo acordos com os alunos, de modo que estes participassem das atividades e depois fossem “contemplados” com aulas livres. Assim, o objetivo desta pesquisa foi investigar as perspectivas de alunos e professores sobre as aulas livres na Educação Física. A pesquisa se caracterizou por um estudo exploratório, utilizando como técnica de coleta a entrevista semiestruturada e observações. Participaram do estudo 28 alunos, sendo 21 do ensino fundamental II (6º e 7º anos), sete do ensino médio (2º ano) e dois professores de Educação Física que atuavam nesses anos escolares. Os resultados nos permitiram agrupar os dados em três categorias de análises: 1. Motivo de ocorrência das aulas livres e sua frequência; 2. Estrutura das aulas livres e a relação que os alunos estabelecem; 3. Implicações das aulas livres no processo de aprendizagem dos alunos. Constatamos no estudo uma demonstração do quanto esta temática ainda carece de mais pesquisas, uma vez que ela se mostra transitando em um universo complexo que envolve a particularidade do componente curricular Educação Física na escola.

Palavras-chaves: Aulas livres; Educação Física Escolar; Cultura de Movimento.

ABSTRACT

Physical Education has coexisted with the terms free classes both in daily school life and in academic research. The concern with this theme seems to have gained evidence when the area assumed that it involved a dimension not only of "doing" in class, but of knowing with this doing and a knowledge built by the relationships between students. This reconfiguration, by broadening the contents of the classes and also their focuses - with also theoretical classes - implied changes in the classes, bringing resistance from the students and reducing the number of participants in them. To minimize this conflict, many teachers ended up making arrangements with students so that they would participate in the activities and then be "contemplated" with free classes. Thus, the objective of this research was to investigate the perspectives of students and teachers about free classes in Physical Education. The research was characterized by an exploratory study, using as a collection technique the semi-structured interview and observations. Twenty-eight students participated in the study: 21 from elementary school II (6th and 7th years), seven from high school (2nd year) and two Physical Education teachers who worked in these school years. The results allowed us to group the data into three categories of analysis: 1. Reason for the occurrence of free classes and their frequency; 2. Structure of the free classes and the relationship that students establish; 3. Implications of free classes in the student learning process. We found in the study a demonstration of how much this theme still needs further research, since it is transiting in a complex universe that involves the particularity of the Physical Education curriculum component in school.

Key-words: Free lessons; School physical education; Movement culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 – EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	10
CAPÍTULO 2 – DIFICULDADES NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	15
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA	21
3.1 Características gerais	21
3.2 Técnicas de coleta	21
3.3 Caracterização dos participantes	24
3.4 Contexto da escola	25
3.5 Análise dos dados	25
CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	28
4.1. Motivos de ocorrência das aulas livres e sua frequência	28
4.2 Estrutura das aulas livres e a relação estabelecida com os alunos estabelecem	31
4.3 Implicações das aulas livres no processo de aprendizagem dos alunos....	33
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE 1.....	41
APÊNDICE 2	42
APÊNDICE 3	44
APÊNDICE 4	46

INTRODUÇÃO

A Educação Física Escolar possui importância na formação de um indivíduo ao longo de sua trajetória escolar, e diante de novos contextos históricos, as transformações das práticas pedagógicas devem ser repensadas.

A Educação Física, enquanto componente curricular inserida na Educação Básica, deve proporcionar ao aluno vivências para que ele possa se introduzir na cultura corporal de movimento, de modo que futuramente possa produzir, reproduzir e transformar as diversas práticas corporais. Desse modo, a perspectiva é oferecer uma formação que ajude os estudantes a superar os pressupostos tradicionais (exclusão, seleção dos mais habilidosos, vergonha, preconceitos....), fornecendo elementos para os oportunize condições para organizar-se socialmente para usufruir das diversas práticas corporais, entendendo-as a partir de uma ampla dimensão (BETTI, 2002).

Apesar de novas abordagens pedagógicas inseridas na Educação Física que caminham em direção à noção de cultura, mesmo que com diferente viés na fundamentação teórica, ainda é comum observarmos aulas com conteúdos tradicionais voltados para uma determinada orientação para o ensino do esporte. Diante desse cenário ambíguo, existe o desinteresse por parte de alguns estudantes, pois tais modelos (tanto o novo quanto o tradicional) tendem a dificultar a participação efetiva dos alunos devido à falta de identificação com o conteúdo ou o desinteresse pelas aulas.

Nesse sentido, ao observamos a realidade escolar nos deparamos, em alguns contextos escolares, com uma forte tradição nas aulas de Educação Física caracterizada simplesmente pelo fazer a atividade, sem intencionalidade pedagógica, não demonstrando alicerce didático-pedagógico no processo de ensino-aprendizagem. É neste momento que nos deparamos com os termos “aulas livres”, nas quais se fazem presentes um acordo entre professores e alunos, ou seja, uma parte da aula ou um período é dedicado ao conteúdo planejado pelo professor e, posteriormente, os alunos podem utilizar a aula para desenvolver a atividade de preferência deles (ou de alguns deles). Trata-se de uma “moeda de troca” (MOURA; SOARES, 2014).

Com base nesse cenário de aula livre adotado nas aulas de Educação Física, o objetivo dessa pesquisa foi investigar as perspectivas de alunos e professores sobre as aulas livres na Educação Física, de modo que possamos compreender as implicações dessa prática docente, bem como, dialogar com essa temática que carece de reflexões na Educação Física escolar.

No capítulo um será apresentado o panorama geral sobre a Educação Física escolar, enfatizando aspectos históricos da área e as transformações que foram acontecendo ao longo desse processo. Já no capítulo dois apresentamos as dificuldades de ensino na Educação Física escolar, dialogando com as implicações para os estudantes inseridas nesse contexto. A metodologia é explorada no capítulo três evidenciando as características gerais da pesquisa e voltando-se para o âmbito qualitativo. Logo em seguida, descrevemos as técnicas de coleta, uma breve caracterização dos participantes, o contexto da escola e como foi realizada a análise dos dados.

Por fim, o capítulo quatro traz os resultados e as discussões em torno das categorias de análise, sendo elas: 1. Motivo de ocorrência das aulas livres e sua frequência; 2. Estrutura das aulas livres e a relação estabelecida com os alunos e 3. Implicações das aulas livres no processo de aprendizagem dos alunos. Para encerrar, as considerações finais apontam que a temática ainda carece de mais pesquisas para que possamos compreender os significados produzidos pelas aulas livre.

CAPÍTULO 1

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

O ensino na Educação Física Escolar passou por diversas transformações ao longo do processo histórico. De acordo com Betti e Zuliani (2009), desde a década de 1920, a Educação Física era desenvolvida como uma atividade complementar, não seguindo um currículo escolar, possuindo objetivos diversificados, atribuindo um caráter refém do contexto histórico, como por exemplo, higienista, treinamento pré-militar, formação de atletas, etc. Segundo Darido (2001, p. 6): “A Educação Física, contudo, ao longo de sua história, priorizou os conteúdos numa dimensão quase que exclusivamente procedimentais, o saber fazer e não sobre o saber da cultura corporal ou como se deve ser [...]”.

Para argumentar:

Em oposição à vertente mais tecnicista, esportivista e biologista surgem novos movimentos na Educação Física escolar a partir, especialmente, do final da década de 70, inspirados no novo momento histórico social por que passou o país, a Educação de uma maneira geral e a Educação Física especificamente. Atualmente coexistem na área da Educação Física várias concepções, todas elas tendo em comum a tentativa de romper com o modelo mecanicista, fruto de uma etapa recente da Educação Física. (DARIDO, 2003, p.3)

Apesar das novas abordagens pedagógicas com intuito de romper com conteúdos tradicionais e ligados ao esporte, ainda observamos aulas que contemplam essa metodologia de trabalho. Diante disso, notamos o desinteresse por parte de alguns alunos, pois são evidenciados sempre os mesmos conteúdos, dificultando a participação efetiva nas aulas de Educação Física (DARIDO, 2003). Em um atual cenário histórico, na contramão desse modelo tecnicista e esportivista, nos deparamos com a cultura de movimento tornando-se o objeto pedagógico da Educação Física Escolar, trazendo vivências de jogos, brincadeiras, danças, esportes, lutas, ginásticas. Desta forma, o papel da Educação Física escolar é introduzir e integrar o aluno nestes conhecimentos, para que ele possa usufruir, podendo reproduzi-los,

produzi-los e transformá-los, em benefício da qualidade de vida (BETTI; ZULIANI, 2009).

Diante disso, de acordo com Darido (2001, p.7):

[...] não basta ensinar aos alunos a técnica dos movimentos, as habilidades básicas ou, mesmo, as capacidades físicas. É preciso ir além e ensinar o contexto em que se apresentam as habilidades ensinadas, integrando o aluno na esfera da sua cultura corporal.

Sob esta perspectiva, é papel do professor incentivar nos alunos a análise crítica do que ocorre no mundo para que possam refletir acerca dos conteúdos vivenciados nas aulas, entendendo e analisando os diferentes pontos de vista, e se posicionando sobre eles diante das variadas práticas corporais inseridas na sociedade atual. Entram como temas desta análise crítica questões como: o esporte espetáculo, as políticas públicas de lazer, a influência da mídia nos modelos de corpo, a qualidade de vida, entre outros conhecimentos específicos da área de Educação Física (SILVEIRA; PINTO, 2001).

Betti e Zuliani (2009, p. 75) citam que

A Educação Física não pode transformar-se num discurso sobre a cultura corporal de movimento, sob pena de perder a riqueza de sua especificidade, mas deve constituir-se como uma ação pedagógica com aquela cultura. Essa ação pedagógica a que se propõe a Educação Física será sempre uma vivência impregnada da corporeidade do sentir e do relacionar-se. A dimensão cognitiva far-se-á sempre sobre esse substrato corporal.

Portanto, é importante frisar que é um processo de ensino e de aprendizagem que possui fases de acordo com o desenvolvimento dos estudantes, trazendo objetivos específicos em cada fase escolar. Betti e Zuliani (2009, p. 76) salientam que no Ensino Fundamental I (1º a 5º ano), o desenvolvimento adequado dos aspectos afetivo, cognitivo e social da criança, tendo a atividade corporal um elemento fundamental, privilegiando o desenvolvimento das habilidades motoras básicas através de jogos, brincadeiras e atividades variadas. A partir do 5º ano, poderá dar início ao ensino das formas culturais do esporte, danças, ginástica. Logo, nos 7º a 9º anos, as atividades buscam um grau mais complexo, atuando no aperfeiçoamento de habilidades específicas, envolvendo o caráter lúdico em

todos os estágios. Por fim, no Ensino Médio o educador deve buscar práticas inovadoras e que estabeleçam um significado para os alunos, levando em consideração a nova fase afetiva e social dos alunos e alunas. Introduzindo-o no universo da Educação Física, integrando na cultura corporal de movimento fazendo com que ele possa usufruir desse conhecimento (BETTI; ZULIANI, 2009).

Diante disso, professores (as) podem fundamentar-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a fim de explorar os conteúdos com autonomia para utilizar com os alunos no processo pedagógico. O Ministério da Educação e do Desporto em conjunto com a Secretaria de Ensino Fundamental, baseou-se em um modelo educacional espanhol para construção dos parâmetros. A partir de 1994, mobilizou estudos com a ajuda de professores e pesquisadores para elaborarem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Logo em 1997, foram lançados os documentos referentes ao 1º e 2º ciclo, no caso, 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental. Um ano depois, foi publicada relativa aos 3º e 4º ciclos (5ª a 8ª séries), contendo um documento específico para a área da Educação Física (BRASIL, 1998). Em 1999, foram finalizados e publicados os PCNs referente ao Ensino Médio, sendo composta por uma equipe de construção diferente dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental. E a supervisão ficou sob a responsabilidade da Secretaria de Ensino Médio, do Ministério da Educação e do Desporto (BRASIL, 1999).

Darido (2001, p. 14), esclarece que:

De acordo com o grupo que organizou os Parâmetros Curriculares Nacionais, estes documentos têm como função primordial subsidiar a elaboração ou a versão curricular dos estados e municípios, dialogando com as propostas e experiências já existentes, incentivando a discussão pedagógica interna às escolas e a elaboração de projetos educativos, assim como servir de material de reflexão para a prática de professores.

Nesse sentido, vale destacar nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a importante indicação para que os conteúdos sejam trabalhados articuladamente segundo três dimensões: procedimental, conceitual e atitudinal. Ou seja, possibilita abordar com o aluno, o saber por que está fazendo, o aprender a fazer, e a maneira com que ele relaciona-se com esse conteúdo, trabalhando de maneira integrada aos conhecimentos (BRASIL,

1998). Sob esta perspectiva, a autonomia diante do currículo, deve estar vinculada com a prática pedagógica do professor, contribuindo para mudanças na formação e intervenção profissional. As mudanças devem ocorrer de forma gradativa na realidade do contexto educacional. Sendo necessário compreender essas transformações, e quais fatores contribuem para que elas ocorram de modo efetivo. Tendo em vista a busca por uma prática que forneça a construção de conhecimento, não apenas atuando através de uma transmissão do mesmo (COSTA; NASCIMENTO, 2006).

Existem teorias pedagógicas concebidas por Betti (1991), Coletivo de Autores (1992), Bracht (1999), Daolio (1995), Kunz (1991) entre outros autores, que o educador pode utilizar como abordagem no processo de ensino na tentativa de romper com modelos tradicionais. Porém, é importante ressaltar que ainda existem práticas vinculadas ao modelo esportivista ou biológico que estão presentes atualmente na Educação Física escolar (DARIDO, 2001).

Complementa Darido (2001, p. 23-24):

Na verdade, a introdução destas abordagens no espaço do debate da Educação Física proporcionou uma ampliação da visão da área, tanto no que diz respeito à sua natureza, quanto no que refere aos seus pressupostos pedagógicos de ensino e aprendizagem. Reavaliaram-se e enfatizaram-se as dimensões psicológicas, sociais, cognitivas, afetivas e políticas, concebendo o aluno como ser humano integral. Além disso, abarcaram-se objetivos educacionais mais amplos, e não apenas voltados para a formação de físico que pudesse sustentar a atividade intelectual - conteúdos diversificados, não só exercícios e esportes, e pressupostos pedagógicos mais humanos.

Entretanto, ao buscar a implementação de novos conteúdos existem dificuldades devido à falta de respaldo da comunidade escolar e a resistência por parte dos alunos, pois existe uma tradição acentuada nas aulas de Educação Física resumidas somente no fazer, e não compreender os significados e o sentido das práticas corporais. Diante disso, na perspectiva da Educação Física é necessário considerar os procedimentos, fatos, valores, conceitos, conteúdos dando a mesma importância para todos (DARIDO, 2005).

Para argumentar:

Neste sentido, o papel da Educação Física ultrapassa o ensinar esporte, ginástica, dança, jogos, atividades rítmicas, expressivas e conhecimento sobre o próprio corpo para todos, em seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental), mas inclui

também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais (dimensão atitudinal). E, finalmente, busca garantir o direito do aluno de saber porque ele está realizando este ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (dimensão conceitual). (DARIDO, p. 5, 2005).

Desse modo, a o professor deve proporcionar aos alunos um vasto repertório de conhecimento, fornecendo aulas integradas e qualificadas, não focalizando apenas no esportivismo, ou atividades no qual o aluno não reflete sobre suas ações no contexto da Educação Física Escolar. Tendo o docente um papel fundamental ativo diante do processo de ensino-aprendizagem (OLIVEIRA *et al.*, 2012).

A diversificação das vivências também ganha relevo, pois tem o intuito de abranger o maior número de alunos nas práticas corporais, para além dos conteúdos tradicionais (futebol, voleibol, basquetebol), inclusive conceder a oportunidade de identificação com as temáticas, rompendo com a exclusão e afastamento nas aulas de Educação Física escolar. Todos os alunos (as) devem ter acesso aos diversos conteúdos produzidos cultura corporal, destaca-se nessa nova significação atribuída à Educação Física, a ideia de ultrapassar a idealização perfeita do gesto motor reproduzida pelo aluno, e sim, dialogar, problematizar, interpretar as amplas manifestações da cultura corporal (DARIDO, 2005).

Já no próximo capítulo serão apresentadas as dificuldades no ensino da Educação Física escolar, visto que ocorreram transformações pedagógicas ao longo do processo histórico, o que envolve uma nova perspectiva para alunos e professores no cenário escolar.

CAPÍTULO 2

DIFICULDADES E POSSIBILIDADES NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Educação Física brasileira vem convivendo com novas propostas pedagógicas em seu cotidiano escolar. Esta convivência parece ter ganhado evidência quando a área circunscreveu seu objeto pedagógico no campo da cultura corporal, assumindo que envolvia uma dimensão não só do “fazer” nas aulas, mas também do saber com este fazer e um saber construído pelas relações entre os estudantes. Essa reconfiguração implicou em mudanças do que vinha sendo feito antes pelos professores, trazendo para cena algumas resistências por parte dos estudantes e contribuindo para diminuir o número de participantes nas aulas. Para minimizar este conflito, muitos professores acabavam fazendo acordos com os alunos, de modo que estes participassem das atividades e depois fossem “contemplados” com aulas livres. Essa abordagem serve como moeda de troca para os professores, utilizando como parte da experiência curricular das aulas de Educação Física, podendo ser até cancelada devido à indisciplina dos alunos (MOURA; SOARES, 2014).

Para exemplificar, a seguir apresentamos um episódio ocorrido em uma escola da Rede Pública Estadual:

Receando, a possibilidade de estar batendo de frente com a cultura dos alunos e alunas, prejudicando a análise do contexto, optei por, já de início, fazer algumas concessões. Decidi que, ao invés de dirigir toda a aula com base no programa, eu ocuparia apenas a primeira metade das aulas, condensando o conteúdo planejado inicialmente e deixaria a segunda metade livre para que meninos e meninas jogassem futebol livremente como costumavam fazer (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, p. 145).

A escola possui uma cultura das aulas de Educação Física, ao realizar mudanças em desenvolver um programa planejado, sem considerar a cultura escolar vigente no contexto, pode trazer para cena algumas resistências por

parte dos estudantes, pois irá mudar radicalmente sua estrutura e rotina (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2003).

Os mesmos autores ainda pontuam que:

Poderíamos acrescentar ainda que a cultura escolar poderia ser analisada de forma compartimentada, sendo que encontraríamos diversas instâncias da cultura escolar, distribuídas nos mais variados espaços e situações do contexto escolar com suas características e particularidades. Assim, poderíamos vislumbrar a cultura do recreio escolar, a cultura da aula de matemática, a cultura do sinal batido entre as aulas, a cultura das aulas vagas, a cultura da chegada e saída da escola e entre tantas outras nuances da cultura escolar de um modo geral, a cultura das aulas de Educação Física, que aqui pretendemos analisar (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, p. 145).

Essa cultura escolar, em específico nas aulas de Educação Física, é construída e “[...] sustentada pelo professor e seus alunos e alunas, que formavam e reproduziam uma já cristalizada cultura, permeada por tensões, aberturas, contrastes e restrições de várias culturas que se cruzavam” (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, p. 146).

Diante desse cruzamento de culturas, provoca abertura para transformação cultural, pois existem diferentes modos de agir e de pensar, propiciando conflitos que podem ser refletidos e dialogados. Entretanto, existe a “cultura do fazer nada” na aula de Educação Física pautada na regra dos estudantes fazerem quando, como e da maneira que quisessem. Mesmo diante disso, os alunos demonstram uma carência em tornar a aula mais dinâmica e com novos conteúdos a serem trabalhados. Sendo assim, ficou clara a possibilidade de mudanças na cultura das aulas de Educação Física, e também da cultura escolar em geral (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2003).

Diante disso, Dias (2005) cita que a Educação Física é uma componente curricular que proporciona um espaço para que os estudantes tenham o desejo de satisfação atendido. Enfatizando que “a valorização do lazer, do ócio, da informalidade, da preguiça e de todo e qualquer tipo de “cocebagem” é uma forma de escapar da ética superprodutiva e controladora” (DIAS, 2005, p. 128). A “cocebagem” tem um viés filosófico, significando uma escapada silenciosa da lógica racionalista e intelectualista presente na escola. De acordo com Dias (2005, p.128):

É a partir desse repúdio, que podemos oferecer aos nossos alunos momentos de lazer, de preguiça, de improdutividade, de uma "cocebagem" generalizada, em que estes, não estejam sob o jugo dessa racionalidade que a tudo pretende controlar. Por fim, insisto na idéia de que o "deixar jogar"; os "dias livres" nas aulas de Educação Física são dotados de funções e valores educativos; e mesmo antropológicos, com rico potencial de redimensionarem as aulas numa nova perspectiva do lazer e da informalidade.

Segundo Pitch, Schaeffer e Carvalho (2013), em uma pesquisa realizada sobre trabalho docente, relacionado a expectativa dos alunos de uma aula de Educação Física e a postura do professor. É relatada a fala de um professor que também opta por satisfazer os desejos da turma e aumentar o número de participantes das aulas. Ele cita que a aula preferida da turma é aula livre, e ao perguntar a razão sobre essa abordagem de aula, é respondido: "Eles sentem falta, e uma vez por mês é bom para o professor descansar também" (PITCH; SCHAEFFER; CARVALHO, 2013 p. 637).

Ainda que possa ser um recurso utilizado pelos professores, a aula livre tem característica de ser não direcionada, sendo conceituada como: "[...] aula livre não tem mediação pedagógica, cabendo aos alunos à escolha das atividades que desejam realizar ou a decisão de não realizar qualquer atividade" (MOURA; SOARES, 2014, p. 702).

Desse modo, nos deparamos com situações, como, por exemplo, a exclusão ou autoexclusão principalmente das meninas. Tal contexto é confirmado por Durand-Delvigne e Duru-Bellat (2003, p. 104): "Nos primeiros níveis de ensino, as práticas não diretivas tendem a dar aos meninos ainda mais oportunidades de ocupar o terreno e empurrar as meninas para as periferias".

Além disso, a falta de habilidade e desprazer com o esporte, banheiros que não possuem uma infraestrutura para tomar banho e trocar de roupa, aulas repetitivas, chatas e desorganizadas são outros fatores que acarretam na exclusão e autoexclusão das meninas nas aulas de Educação Física (ANDRADE; DEVIDE 2006).

Segundo Louzada, Votre e Devidé (2007, p. 63), ao realizarem um estudo de caso envolvendo observações de aulas livres:

A professora Carla, das cinco aulas observadas, ministrou quatro aulas livres, em que os alunos se separavam por sexo, habilidade motora e atividade. Ela fornecia o material para meninos e meninas e permanecia sentada, ao lado da quadra, supervisionando-os e intervindo quando havia algum desentendimento entre os alunos, ou alguma solicitação deles.

Seguindo a mesma perspectiva, foi realizado um estudo no colégio na cidade de Pelotas-RS que apresentou, em sua grande maioria, aulas de Educação Física caracterizadas por aulas livres. Nestas, os alunos não refletiam sobre suas ações, ficam limitados somente pelo “fazer por fazer” (OLIVEIRA *et al.*, 2012).

Em outra pesquisa produzida por Hino, Reis e Anez (2007), foram observadas quatro escolas públicas de Ensino Médio situada na cidade de Curitiba-PR, e identificaram que 35,2% das aulas também se valiam de dinâmicas com aulas livres.

Diante disso, quando o professor deixa os alunos e alunas a se organizarem livremente e escolherem as atividades a serem realizadas na aula, eles tendem a separar-se por gênero e por nível de habilidade motora (LOUZADA; VOTRE; DEVIDE, 2007).

Isso também se confirma com Lima e Dinis (2007, p. 249), ressaltando a divisão cultural e simbólica que ocorre nas aulas livres, citando que os meninos normalmente jogam futebol, e as meninas dançam ou conversam fora da quadra poliesportiva. Ainda comentam que a segregação pode ocorrer através das práticas corporais e diante de atitudes ou gestos que os professores e alunos exercem nas aulas.

Segundo Oliveira *et al.* (2012), alguns resultados mostram baixa participação ativa na ação pedagógica dos professores nas aulas de Educação Física. Evidências semelhantes foram encontradas no estudo de Hino, Reis e Anez (2007), em que 37,9% e 37,55%, respectivamente, apresentavam que os professores passavam a maior parte do tempo observando a aula e realizando outras tarefas.

Também podemos observar em outra pesquisa (FERREIRA; GRAEBNER; MATIAS, 2014) que 70% dos alunos de uma escola de Ensino Médio citavam que os conteúdos focalizados nas aulas envolviam apenas as quatro modalidades esportivas tradicionalmente reproduzidas nas escolas ou

nas aulas livres. Ou seja, a aula livre é normalmente um espaço no qual é evidenciado a prática das modalidades esportivas, alimentando relações de poder e ações que se naturalizam, pois se inspiram no esporte de rendimento ou nos preconceitos da sociedade.

Neste sentido, de fato, há a necessidade dos educadores ministrarem aulas efetivas, organizadas e coesas, não se baseando apenas no “fazer pelo fazer” no qual não possui reflexão e o entendimento dos alunos diante dos conteúdos trabalhados (OLIVEIRA *et al.*, 2012).

Com relação ao processo de ensino-aprendizagem, a aula aberta se mostra como uma alternativa para os problemas aqui apresentados, porém existem educadores que a confundem com aula livre, no qual deixam os alunos fazerem o que quiserem (CHICATI, 200). Porém, uma aula constitui-se de intencionalidade pedagógica.

Segundo Hirai e Cardoso (2006), baseados no Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFSM a concepção de aulas abertas é orientada no aluno, processo, problematização e comunicação. Os professores estão abertos as várias possibilidades de soluções de problemas, não se limitando aos objetivos previamente traçados pelo educador. “Assim, nesta concepção de ensino, o ato educacional não se dá pelo despejo de soluções, buscadas pelo professor” (HIRAI; CARDOSO, 2006, p. 129).

Nesse sentido, a tarefa é voltada para que o aluno busque as variadas possibilidades para solução daquele problema, ou, por exemplo, de um movimento, dando ênfase nesse processo, para que o aluno não fique refém de respostas prontas ditas pelo educador. (HIRAI; CARDOSO, 2006).

Diante disso, “o Ensino Aberto não se trata de um “deixar livre”, possuindo planejamento e objetivos, sendo as problematizações uma possibilidade para formar o leme com o qual o educador direcionará a aula.” (HIRAI; CARDOSO, 2006, p. 130).

Por fim, com novas propostas pedagógicas inseridas na Educação Física ocorreu mudanças na área trazendo resistência por parte dos estudantes, no qual o professor criou novas estratégias para participação ativa dos alunos, trazendo a aula livre como uma moeda de troca, em que os alunos realizavam a aula, mas em seguida, tinham o momento que eles poderiam escolher as atividades a serem realizadas, não havendo uma mediação e

intencionalidade pedagógica. Essa situação acarreta diversos fatores, dentre eles, exclusão, autoexclusão, separação por gênero entre outras. Nesse sentido, vemos a necessidade do professor explorar esse espaço para que os estudantes possam usufruir desse processo de ensino-aprendizagem.

No próximo capítulo será apresentada a metodologia de modo específico utilizada na pesquisa.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

Tendo em vista o objetivo dessa pesquisa que foi investigar as perspectivas de alunos e professores sobre as aulas livres na Educação Física, o enfoque metodológico deste estudo se voltou para o âmbito qualitativo, alinhando-se ao propósito de compreender o cenário escolar e a relação dos alunos e professores com as aulas de Educação Física.

3.1 Características gerais

A pesquisa qualitativa, para Minayo (2001), preocupa-se com o universo de sentidos, motivos, desejos, convicções, representações, maneiras e atitudes. Tudo o que é percebido pelo sentido e pela consciência e que não pode ser reduzido à operacionalização de variáveis, não pode ser quantificado.

Segundo Ludke e André (1986 p. 11): “A pesquisa qualitativa possui o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”. Segundo as autoras, a pesquisa qualitativa fundamenta-se no contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que será investigada por ele.

A pesquisa qualitativa é descritiva e busca compreender os fenômenos em sua ocorrência natural, considerando, portanto, os vários sentidos atribuídos pelas pessoas em suas relações com o mundo. Neste sentido, está impregnada dos significados que o contexto proporciona, rejeitando as análises explicativas (TRIVIÑOS, 1992). Dessa maneira, “[...] a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno em um contexto.” (TRIVIÑOS, 1992, p.128).

3.2 Técnicas de coleta

Para a coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada para os professores e alunos, sendo considerada, por Triviños (1992), um dos principais meios para realização de uma coleta de dados na abordagem das pesquisas qualitativas. Na entrevista é valorizada a presença do investigador, o

qual oferece possibilidades para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade, enriquecendo a pesquisa (TRIVIÑOS, 1992).

Para Triviños (1992), a entrevista semiestruturada consiste de questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que possuam vínculo com a pesquisa, oferecendo um campo de interrogativas. Desse modo, o informante contribui com seus pensamentos e experiências, participando da elaboração do conteúdo da pesquisa.

A entrevista semiestruturada se orientou pelo seguinte roteiro de questões, sendo respectivamente para professores e estudantes:

PROFESSORES:

1. Você utiliza aulas livres na sua aula? Por quê?
2. Para quem respondeu sim. Em quais momentos?
3. O que é aula livre para você?
4. Em sua opinião, como os alunos se relacionam com as atividades nas aulas livres (Como se dá a ocupação dos espaços nestas aulas? Quais atividades os alunos costumam realizar? Há mais ou menos participação? Como fica a questão do gênero? E dos alunos mais e menos habilidosos?)?
5. Para você as aulas livres influenciam ou não o modo como os alunos concebem as aulas de Educação Física na escola? Fale a respeito.

ESTUDANTES:

1. Você tem aula livre na disciplina de Educação Física?
2. Se sim, como é o formato destas aulas (Como se dá a ocupação dos espaços nestas aulas? Quais atividades os alunos costumam realizar? Há mais ou menos participação? Como fica a questão do gênero? E dos alunos mais e menos habilidosos?)?
3. O que você acha destas aulas livres? Por quê?

Para os professores, a entrevista ocorreu no horário do intervalo da escola, desse modo, houve mais facilidade para que conseguissem responder as questões sem interferências externas. Já com os estudantes foi realizada no período da aula de Educação Física com o consentimento da professora, sendo feita de modo individual e em local reservado.

Ambas as entrevistas foram gravadas em um aparelho de celular, sendo transcritas na íntegra posteriormente.

Além da entrevista, outra técnica de coleta utilizada foi à observação controlada e sistemática. Para Ludke e André (2012 p. 25), a observação deve conter um planejamento do trabalho, sendo determinado com antecedência “o quê” e o “como” observar, definindo o foco da investigação. Tal técnica proporciona uma perspectiva mais próxima dos sujeitos. Diante disso, foram observadas oito aulas no 2º ano do Ensino Médio, e também no 6º ano e 7º ano do ensino Fundamental II que foram registradas através de anotações em um caderno da pesquisadora.

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO:

1. Ocupação dos espaços
2. Atividades realizadas
3. Participação na aula
4. Inclusão nas atividades
5. Relacionamento entre os estudantes

Para tal, inicialmente houve o contato com a diretora da escola para que pudesse realizar a pesquisa, fornecendo a carta de apresentação do trabalho e a permissão para coleta de dados (APÊNDICE 1). Após isso, foi realizado o diálogo e aproximação com os professores, explicando o objetivo do estudo e concretizando o início da pesquisa.

Os participantes do estudo foram 28 estudantes, sendo 14 do gênero masculino e 14 do gênero feminino, com idades entre 11 e 18 anos, sendo 21 alunos do Ensino Fundamental II (6º e 7º ano) e sete do Ensino Médio (2º ano). Também participaram do estudo dois professores que ministravam aulas de Educação Física nestes níveis de ensino da escola investigada.

O critério de inclusão dos participantes foi a manifestação de aceite em participar da pesquisa expressa no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 2) preenchido pelos alunos, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 3) preenchido pelos pais/responsáveis pelos alunos e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 4) preenchido pelos professores.

Todos os nomes foram alterados para garantir o anonimato, não causando a exposição dos participantes.

3.3 Caracterização dos participantes

Os participantes do estudo foram especificados nos dois quadros abaixo, sendo um para os estudantes e outro para os docentes.

Quadro 1 - Descrição dos participantes

Alunos	Ano escolar
Fernanda	6º ano Ensino Fundamental II
Gabriel	
Julia	
Henrique	
Ana	
Yuri	
Alice	
Matheus	
Yasmin	
Raiane	
Enzo	7º ano Ensino Fundamental II
Poliana	
André	
Sofia	
Noroi	
Helena	
Gabriel	
Leonardo	
Bianca	
OitoLuiz21	
Matheus	2º ano Ensino Médio
Silvério	
Pamela	
Vinícius	
Letícia	
MS	
Victória	
Ribeiro	

Fonte: A autora.

Quadro 2 - Descrição dos participantes

Professores (as)	Atuação profissional
Fernanda	Ensino Fundamental II
Márcio	Ensino Médio

Fonte: A autora.

3.4 Contexto da escola

Este estudo abrangeu alunos e professores do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, envolvendo uma escola pública da rede estadual, localizada no interior do estado de São Paulo. A escola era constituída por uma clientela diversificada com contextos sociais diferentes, uma boa estrutura, porém não preservada, e poucos materiais para disciplina de Educação Física.

No que se refere à infraestrutura, a escola tinha uma quadra grande, coberta na parte superior e aberta nas laterais, com traves sem redes e cesta de basquete. Havia espaços com acessibilidade para utilizar as salas, pátio e quadra, todavia estas não se mostravam adequadas já que as rampas eram extremamente íngremes e sem continuidade do percurso. No momento desta pesquisa, a escola possuía 12 salas de aula, todas com grafites nas paredes, refletindo alguma temática como, por exemplo, cultura Indígena, Marielle Franco, miscigenação dos povos, entre outros.

Havia uma sala adaptada destinada à acomodação dos materiais da Educação Física e pouca variedade de materiais disponíveis, sendo: bola de basquete, futebol, vôlei, handebol e medicinebol, alguns coletes e cordas. Uma forma que a professora encontrou para adaptar os materiais foi pedir para que as turmas trouxessem materiais recicláveis, como: caixas de papelão, lençol, garrafas pets, latas de alumínio e cabos de vassouras, esses também estavam presentes nesta sala.

3.5 Análise dos dados

A partir dos dados coletados foi feita uma análise de todo material para o diálogo entre os resultados e a literatura sobre o assunto.

Inicialmente, foi montado um quadro separado por colunas, respectivamente contendo, todos os participantes com o ano escolar, no caso dos professores, atuação profissional, questões que foram realizadas, respostas na íntegra dos estudantes e professores.

Para cada questão das entrevistas realizadas com os alunos e com os professores, foi montado um quadro nesse formato. Após isso, um outro quadro contendo as observações das aulas.

Em seguida, foi feita uma síntese das respostas, almejando destacar o foco das falas dos participantes relacionando-as com o objetivo da pesquisa. Na sequência, os quadros foram colocados em um formato de paisagem e impressos para facilitar a visualização dos dados obtidos.

Posteriormente, foram sendo identificadas as categorias de análise, considerando os elementos recorrentes e a relação com a literatura sobre o tema.

Quadro 3 - Modelo análise de questões

Estudantes	Questão	Resposta íntegra	Síntese	Categoria
Alice – 6º ano	Você tem aula livre na disciplina de Educação Física?	Ah, assim, não muito frequente. É de vez em quando.	De vez em quando	Motivo de ocorrência das aulas livres e sua frequência

Fonte: A autora.

Quadro 4 - Modelo análise da observação

Dia/Data	Observação
Dia 1- 19/03/2019	Neste dia houve aula livre, a grande maioria dos meninos jogou futebol na quadra inteira e algumas meninas ficaram sentadas na arquibancada conversando. Em outro espaço da escola há uma cesta de basquete, meninos e meninas ocuparam esse espaço e jogaram. Não houve nenhuma menina participando do futebol, os alunos não convidaram e as alunas não se propuseram a jogar. A aula baseou-se nessas duas atividades. A relação dos estudantes é agradável, não houve conflitos e se organizaram de maneira rápida para aula livre.

Fonte: A autora.

Após intensas leituras e anotações, os dados obtidos foram definidos em três categorias de análise. Bogdan e Biklen (1991) citam que:

À medida que vai lendo os dados, repetem-se ou destacam-se certas palavras, frases, padrões de comportamento, formas dos sujeitos pensarem e acontecimentos. O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve vários passos: percorre os seus dados e, em seguida, escreve palavras e frases que representam estes mesmos tópicos e padrões. Estas palavras ou frases são categorias de codificação. As categorias constituem um meio de classificar os dados descritivos que recolheu, de forma que o material contido num

determinado tópico possa ser fisicamente apartado dos outros dados (BOGDAN E BIKLEN, 1991, p. 221).

Diante disso, as categorias de análise identificadas foram: 1. Motivos de ocorrência das aulas livres e sua frequência; 2. Estrutura das aulas livres e a relação estabelecida com os alunos; 3. Implicações das aulas livres no processo de aprendizagem dos alunos.

No capítulo seguinte, tais categorias serão discutidas com aprofundamento, seguidas das citações literais das falas dos entrevistados e sínteses das observações, contendo identificação com nome fictício, aluno ou professor e ano escolar.

CAPÍTULO 4

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão explorados, detalhadamente, os resultados obtidos e definidos em três categorias de análise, tendo como base os dados de acordo com as técnicas de coleta que foram utilizadas nesse processo.

4.1 Motivo de ocorrência das aulas livres e sua frequência

Essa categoria traz as reflexões obtidas acerca do motivo de ocorrência vinculado com a frequência das aulas livres que ocorrem nas aulas de Educação Física escolar, seguida de como os professores utilizam essa estratégia de ensino, e como os alunos observam a sua frequência nesse processo de ensino e de aprendizagem desse contexto.

Como já diziam Moura e Soares (2014), as aulas livres atuam como uma estratégia de negociação com os estudantes para que o professor possa ministrar o seu conteúdo planejado almejando a participação dos alunos, em seguida, deixando-os jogarem livremente, podendo até ser cancelada devida a falta de comportamento da turma. Essa situação também foi evidenciada na fala dos professores:

[...] é um meio de negociação com eles, porque assim, como não tem obrigatoriedade, hoje, tanto de nota e participação, então a aula livre é uma maneira de você os fazer participarem de uma aula e você dá aula livre na outra. (MÁRCIO, professor, ensino médio)

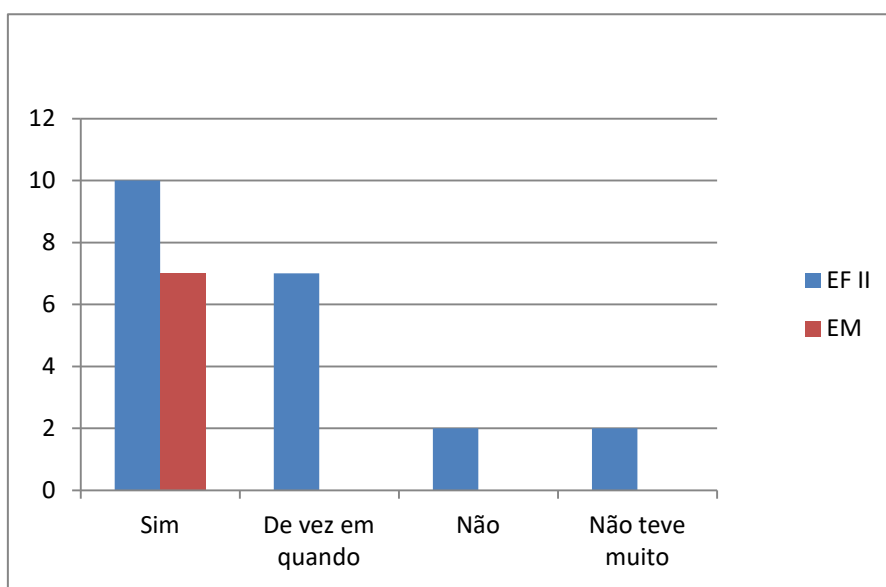
Nessa mesma perspectiva, a professora do ensino fundamental II também relatou esse combinado que acontece entre professores e alunos:

[...] normalmente, a gente faz uns combinados pra ser no final do mês ou no final do bimestre se todo mundo participar, e às vezes em alguns momentos no final da aula programa determinadas atividades e eles participam numa boa e sobra um tempo, eu também deixo. (FERNANDA, professora, ensino fundamental II)

Nesse sentido, existe uma “cultura do fazer nada” nas aulas de Educação Física, o que já vem enraizado e reproduzido por alunos e professores, ao propor mudanças dessa dinâmica de aula há um cruzamento de relações, o que gera resistência, tensões e contrastes. Logo, diante dessa cultura nas aulas de Educação Física, existem professores que optam por ministrar o conteúdo na primeira aula e na segunda deixam os alunos livres para escolherem as atividades que irão praticar. Desse modo, diminui a resistência encontrada para os professores desenvolverem um programa planejado de ensino. Ao mesmo tempo, observamos abertura para transformações nesse cenário visto que os alunos demonstram uma carência em aprender novos conteúdos. (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2003).

Diante disso, foi analisada a frequência com que as aulas livres ocorriam no contexto escolar observado, tendo como base a fala dos estudantes.

Gráfico 1 - Frequência das aulas livres relatada pelos alunos



Fonte: A autora.

Nesse gráfico foi relatada a frequência com que ocorriam as aulas livres na Educação Física, seja no Ensino Fundamental II como no Ensino Médio. Constatadas 28 respostas entre os níveis escolares citados, 17 como “Sim”; 7 “De vez em quando”; 2 “Não” e 2 “Não teve muito”. Essa dinâmica de aula frequentemente adotada por alguns professores também foi citada na fala dos estudantes.

A gente tem, são duas aulas de Educação Física, ele dá a primeira aula dele, deixando para passar o conteúdo dele mesmo, e até às vezes pra cobrar. E a segunda aula, ele deixa pra gente jogar futebol, queima, fazer alguma coisa que seja mais do nosso interesse. (MS, aluno, 2º ano)

Nesse sentido, relacionando a fala do aluno acima com o gráfico, podemos observar que todos os estudantes do ensino médio citam a realização das aulas livres, pois como já foi mencionado, ocorre com frequência devido a uma negociação que o professor faz com os alunos para que ele possa ministrar o conteúdo dele com a participação de todos. Podemos observar abaixo, as falas dos alunos do ensino fundamental II sobre a frequência das aulas livres.

Ah, de vez em quando. É bem quando acaba a aula porque a professora dá matéria, aí ela passa, e dá um tempo pra gente brincar de alguma coisa (ANA, aluna, 6º ano)

Tem normalmente no final, às vezes, que daí eu jogo basquete (OITOLUIZ21, aluno, 7º ano)

Ah, nós temos, mas de vez em quando, no finalzinho (RAIANE, aluna, 7º ano)

Foi observada a existência de aulas livres nos dois níveis de ensino, porém houve uma diferenciação em como foi adotada e organizada pelos alunos e professor. No ensino médio, os estudantes sabiam que na segunda aula eles poderiam realizar as atividades escolhidas entre eles. Já no ensino fundamental II, só ocorria aula livre quando acabava o conteúdo ou quando sobrava um tempo após a professora ministrar a aula. Entretanto, na maioria das aulas observadas do ensino fundamental II, foi constatada a presença das aulas livres.

Diante disso, Dias (2005), traz que a Educação Física é uma disciplina no qual os alunos possuem o desejo de satisfação atendido pelo professor, enfatizando a valorização do lazer e do ócio. Segundo Pitch, Schaeffer e Carvalho (2013), também optam por satisfazer o desejo da turma para que aumente o número de participantes ativos nas aulas, retrata que a aula livre é a preferida da turma, justifica que os alunos sentem falta e que o professor uma vez por mês pode descansar. Porém ao lidarmos com essa dinâmica, a aula

não traz uma relação com o aprender, e não há uma mediação pedagógica no processo de ensino.

4.2 Estrutura das aulas livres e a relação estabelecida com os alunos

Essa categoria apresenta como as aulas livres são estruturadas nas aulas de Educação Física, além de discutir quais relações os alunos estabelecem com as aulas livres.

De um modo geral, observamos a ocupação dos espaços, questões de gênero e as atividades realizadas.

Ao pensarmos nesse formato de aula livre sem mediação pedagógica e direcionamento, na qual os alunos escolhem as atividades e, em alguns casos, optam por não fazer nada, podemos nos deparar com situações de exclusão ou autoexclusão dos estudantes. Isso porque, as práticas não diretivas tendem a deixar que os meninos ocupem um maior espaço na aula. Logo, as meninas são empurradas para as periferias, realizando a prática corporal desejada nos cantos da quadra (DURAND-DELVIGNE; DURU-BELLAT, 2003).

As falas dos estudantes diante da entrevista semiestruturada mostrou que existia a divisão da quadra na aula livre, sendo metade para quem jogasse futsal, acentuada pela ocupação dos meninos, e outra metade para quem quisesse realizar outra opção de atividade, como vôlei, corda, queima, basquete entre outras. Todavia, observamos a existência de uma forte predominância dos meninos na escolha do futebol, resultando em uma maior ocupação do espaço. Isso foi destacado na fala de uma professora que disse fornecer opções para que o espaço fosse distribuído de uma maneira mais igualitária nas atividades.

Na fala do Yuri, aluno do 6º ano, para ele é natural como que metade da quadra seja para os meninos jogarem bola, em seguida, ele cita que era para quem quisesse jogar bola: “Uma metade é dos meninos... não, uma metade é pra quem quer jogar bola e a outra é pra quem quiser fazer alguma coisa diferente” (YURI, aluno, 6º ano). Contudo, no ensino fundamental II observamos pouca participação das meninas nesse espaço de futsal com os meninos.

Essa mesma naturalização foi constatada na fala da professora desse ano escolar, defendendo a importância da divisão dos espaços nas aulas de Educação Física:

Na maioria das turmas, sempre os meninos que gostam de futebol acabam ocupando o maior espaço, mas eu sempre costumo oferecer pra dividir a quadra, dividir os espaços, ou às vezes dividir o tempo. [...] então para aquelas pessoas que não estão jogando futebol, eu pergunto do que querem brincar, se querem que eu pegue material, de repente corda, raquetes que a gente não usou naquela aula, mas eu sei que eles gostam aí eu vou oferecendo, às vezes coloco cones pra dividir (FERNANDA, professora, ensino fundamental II)

Além disso, durante essas aulas, os estudantes tendem a se separar por gênero e por nível de habilidade motora, ocorrendo uma segregação na aula de Educação Física. Isso foi mais evidenciado no 6º ano do Ensino Fundamental II, pois no Ensino Médio, os estudantes relataram mais a participação em conjunto, o que também foi verificado nas observações.

Assim, a questão de gênero, os meninos ficam mais com os meninos, e as meninas mais com as meninas jogando mais coisas assim sabe, de mulher, e os meninos jogam bola e alguns jogam basquete. (YASMIN, aluna, 6º ano)

Na aula livre faz quem quiser. Quando é aula livre, a gente se separa. (RAIANE, aluna, 7º ano)

As meninas são de lua, tipo... hoje elas quiseram entrar na quadra com a gente. [...] mas, a gente não reclama se é menina, não tem essa. (MS, aluno, 2º ano)

Às vezes eles deixam as meninas jogarem bola, e as vezes não, quando eles deixam, as meninas bem dificilmente pegam a bola pra chutar, então as vezes eles deixam sim, as vezes não. (PAMELA, aluna, 2º ano)

Também relacionada à questão do gênero e uma forma automática ou naturalizada de realizar as atividades sem pensar apareceram as práticas corporais mais escolhidas pelos estudantes nas aulas livres.

No quadro abaixo, podemos visualizar as atividades mais citadas pelos alunos e identificadas nas observações.

Quadro 5 - Atividades realizadas na aula livre

Futebol (26)	Celular (3)
Basquete (16)	Truco (2)
Queimada (10)	Handebol (2)
Corda (11)	UNO (1)
Vôlei (11)	Pique-bandeira (1)
Pega-pegas (5)	Elástico (1)
Conversar (5)	Ameba (1)
Sentar (4)	Ouvir música (1)

Fonte: A autora.

Como já dito anteriormente, podemos identificar a relação com a segregação dos alunos gerada pelas aulas livres, nas quais a maioria dos meninos jogam futebol e basquete, e as meninas se dividem entre vôlei, corda, queima entre outras, ocasionando em uma injusta divisão do espaço na aula e, ainda, uma separação entre os gêneros. Tais resultados também foram encontrado por Lima e Dinis (2007), evidenciando uma divisão cultural e simbólica nas aulas de Educação Física.

Também foi observado que no ensino médio, os alunos já estão acostumados com a dinâmica do professor, a maioria realizava as atividades propostas, mas logo quando acabava o conteúdo se organizavam para a aula livre. Os meninos jogando futebol e ocupando a quadra inteira, poucas alunas participando do futebol. Logo, as outras meninas jogavam truco ou vôlei em um espaço acima da quadra. Já no ensino fundamental II, a aula livre ocorria quando sobrava um tempo após o conteúdo ministrado pela professora, tendo a mesma dinâmica, os meninos na quadra, com maior espaço, jogavam futebol enquanto as meninas realizavam outras atividades, como por exemplo, ouvindo música, jogando vôlei, pulando corda.

Diante desse cenário, vimos que a aula livre torna-se um momento presente com uma determinada frequência nas aulas de Educação Física e, na maioria dos casos, não há um direcionamento de atividades, o que pode acarretar em situações que serão discutidas a frente.

4.3 Implicações das aulas livres no processo de aprendizagem dos alunos

Nessa categoria refletimos sobre as implicações que as aulas livres trazem para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, pois ocorrem com frequência em alguns contextos escolares, além de observamos como os alunos enxergam o que aprendem ou não nesses momentos.

Houve uma diversidade de opiniões referente às aulas livres citadas pelos estudantes. Diante disso, organizamos tais dados a partir de três grupos. Grupo 1: afirmavam gostar dessas aulas, mas diziam que nada aprendiam (13); Grupo 2: Os que gostavam e relatavam aprender algo em tais aulas (10); Grupo 3: Aqueles que gostavam mais ou menos porque apesar de terem autonomia na escolha das atividades, por outro lado não aprendiam nada novo (5).

Dentre os que estavam no grupo 1, aqueles que gostavam das aulas, mas nada aprendiam, algumas falas foram destacadas.

É legal porque pode fazer o que você quer, eu acho legal. Mas prefiro com conteúdo, porque na aula livre nós só joga futebol. (LEONARDO, aluno, 7º ano)

Eu acho legal, porque tem bastante. Porque é tipo um descanso, ela dá a aula que ela quer, aí dá um espaço pra gente brincar daquilo que quiser, mas, não aprendo nada novo. (SOFIA, aluna, 7º ano)

Ah, eu gosto porque a gente já fica a aula inteira na sala, daí temos a liberdade para fazer o que a gente gosta na Educação Física. Mas, aprender, nós não aprendermos nada. (MATHEUS, aluno, 2º ano)

Mesmo diante dessa cultura enraizada, os estudantes demonstraram uma carência em tornar as aulas mais dinâmicas e com um direcionamento no processo de ensino aprendizagem, possibilitando a abertura para novos conteúdos serem trabalhados. Logo, apesar da resistência por parte dos alunos, há um espaço para que o professor traga uma mudança de cultura nas aulas de Educação Física (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2003).

Dando sequência aos alunos reunidos no grupo 2, apresentamos aqueles que gostavam das aulas livres e relatavam aprender algo:

Eu gosto, mas prefiro o conteúdo da professora porque a gente tem mais o que fazer, porque tem gente que gosta de bater corda, de fazer nada e fica sentado. Mas, eu gosto das aulas livres. Eu não sabia jogar vôlei, e eu aprendi nas aulas livres com as minhas amigas. Eu aprendi várias coisas na aula livre. (POLIANA, aluna, 7º ano)

Eu gosto porque é uma aula que a gente pode aprender bastante coisa, nós nos misturamos mais com as pessoas, por exemplo, porque quando a gente trabalha em equipe a professora divide os grupos e então de vez em quando a gente não fica com aquela pessoa naquele grupo, mas quando é aula livre ficamos (YASMIN, aluna, 9º ano)

Ah, eu gosto né. [...] isso aqui é um escape. Não vamos falar que é uma hora que não vamos fazer nada, porque querendo ou não, exercício físico é a melhor coisa que a gente faz na vida. [...] se você for ver a gente aprende também, vôlei muita gente ali não sabia fazer o saque, e tem gente praticando ali agora se você for ver. Futebol tem gente menos habilidosa e estão aprendendo com a gente ali, que é uma brincadeira, mas tá aprendendo (MS, aluno, 2º ano)

É interessante notar que as aulas livres fazem parte do processo de ensino e de aprendizagem dos alunos, pois os estudantes trazem a possibilidade do aprender mesmo nesses momentos que são pouco explorados pelos professores, revelando o quão rico é o espaço de convivência escolar. Todavia, cumpre lembrar que a escola, enquanto instituição formal de ensino, precisa ter compromisso com um ensino democrático, alimentando uma intencionalidade pedagógica que seja para todos os alunos e não somente para alguns.

Por fim, o último grupo, os que gostavam mais ou menos, porque conjugavam a ambiguidade entre poder escolher as atividades, mas não aprendiam nada novo.

Às vezes ruins, às vezes boa porque a aula livre não tem tipo, muitas atividades. [...] porque algumas aulas com conteúdo você aprende várias atividades novas e na aula livre não, sempre as mesmas. (MATHEUS, aluno, 7º ano)

Ah, é meio chato porque acaba o conteúdo, aí acaba ficando meio entediado. A gente não aprende tanto, a gente mais brinca essas coisas, porque é um tempo ocioso. (ALICE, aluna, 6º ano)

Notamos também que os alunos enxergam a aula livre como um tempo ocioso, e que acessam sempre as mesmas atividades e o seu próprio conhecimento. A Educação Física escolar proporciona esse momento dos alunos realizarem suas atividades e desejos de prática nas aulas, mas também por outro lado diante das entrevistas é analisada a desvinculação com a relação do aprender nesses momentos, pois tratam das mesmas atividades.

Nesse sentido, a professora Fernanda também trouxe sua reflexão sobre as implicações da aula livre no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos:

É sempre importante ter um bom senso de um equilíbrio, pra não ficar um rola bola, ou um momento que só quem joga futebol tem o espaço. Mas, como eu falei, da questão do lazer, acho importante eles terem essa oportunidade de se organizar, de optar, de colocar em prática o que nós discutimos, o que foi vivenciado nas aulas de Educação Física (FERNANDA, professora, ensino fundamental II)

Por fim, nesse capítulo transitamos na particularidade da aula de Educação Física, observamos os motivos e a frequência em que ocorrerem as aulas livres, como são estruturadas essas aulas e a relação que os alunos estabelecem com as mesmas, e por fim, as implicações pedagógicas dessas aulas livres no processo de ensino aprendizagem dos estudantes.

Como já visto anteriormente, a Educação Física escolar passou por mudanças durante o processo histórico, ocasionando transformações na prática pedagógica dos professores. Visto que, existe uma nova perspectiva que passa a romper com conteúdos tradicionais, e traz novas temáticas no qual o aluno possa usufruir e se apropriar desse conhecimento, mantendo uma relação não só do “fazer”, mas sim, do saber com este fazer.

Porém, essa nova abordagem trouxe resistência por parte dos alunos, diante disso, os professores criaram novas estratégias para manter a presença efetiva dos alunos nas aulas, criando uma relação de troca com as chamadas “aulas livres”, mas com essa estrutura ocorrem situações de exclusão, autoexclusão, separação por gênero, habilidade o que afetam diretamente os estudantes envolvidos nas aulas. Logo, ao mesmo tempo entendemos que é um espaço de aprendizagem que pode ser explorado pelo professor tendo uma intencionalidade pedagógica nessas aulas.

No próximo capítulo irão ser apresentadas as considerações finais sobre a pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A essência desse trabalho teve como objetivo investigar as perspectivas de alunos e professores sobre as aulas livres na Educação Física. Diante disso, entendemos que esse momento possui grandes implicações no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos, e vimos que ocorre com grande frequência nas aulas de Educação Física, pois os professores a utilizam como uma estratégia de ensino para que os estudantes possam participar da aula ministrada pelos educadores.

Porém, a estrutura e dinâmica das aulas livres utilizada pelos professores e compreendida pelos alunos traz implicações sérias para as situações de aprendizagem dos alunos, como, por exemplo, a autoexclusão ou exclusão dos alunos, uma vez que não são todos os estudantes que usufruem de espaços para realizarem as práticas corporais desejadas. Outro embate correspondendo à questão do gênero, já que, normalmente, a maioria dos meninos ocupa a quadra para praticar o futsal enquanto as meninas e outros alunos que não se identificam com o futebol, ficam com a periferia da quadra ou dos parques espaços da escola.

Apesar destes problemas, alguns alunos reconhecem uma relação de aprendizagem com estas aulas, mas nem todos citam novas aprendizagens com essa dinâmica de aula, porém se identificam com a aula, o que nos faz refletir sobre as implicações pedagógicas que ocorrem nesse processo educativo. Nesse sentido, os professores podem adotar novas possibilidades com intuito de explorar os elementos significados que aparecem nas aulas livre, como por exemplo, uma votação de atividades, critérios para realização das aulas livres, divisão da quadra, utilização de conteúdos já ministrados em aulas, entre outras diversificações de estratégias didáticas.

Cumpre sinalizar que, apesar de não ser explicitada pelos alunos e nem pelos professores, a incorporação de determinados valores também são viabilizados pelas vivências destas aulas livres, sendo assim, elas podem contribuir com a naturalização da exclusão dos menos habilidosos, das meninas, da restrição e associação do futebol como conteúdo das aulas de

Educação Física. Trata-se também de um tipo de aprendizagem e que, em nossa opinião, necessita ser analisada e dialogada entre professores e alunos.

Em termos das dificuldades identificadas no desenvolvimento deste estudo, uma delas foi encontrar publicações que dialogassem exclusivamente sobre essa temática das aulas livres no contexto escolar, somente foi encontrado recorte sobre o assunto, o que limitou a expansão da pesquisa. Entretanto, talvez essa carência de material possa sinalizar o quão nova ainda é esta temática de investigação, demandando mais estudos para melhor compreendermos os sentidos e significados produzidos pelas aulas livres.

Para mim, o estudo contribuiu para repensar as dinâmicas adotadas pelos professores nas aulas livres, especialmente na construção de novos saberes que, de fato, mobilizem uma reflexão sobre quais as implicações de uma aula livre. Defendo que a aula precisa ser construída com uma intencionalidade pedagógica, de modo que aluno possa sair de um determinado lugar e acessar outras possibilidade de pensar e viver o mundo, tendo como base os conhecimentos desenvolvidos durante o processo de ensino.

Em linhas gerais, os resultados da pesquisa demonstram a necessidade de modificações no que se referem às aulas livres na disciplina de Educação Física, pois também fica evidente o interesse dos alunos em aprender novos conteúdos. Diante disso, o professor possui papel fundamental na transformação desse processo, mediando esse espaço e contribuindo para formação dos alunos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, E. B.; DEVIDE, F. Auto-exclusão nas aulas de educação física escolar: representações de alunas do Ensino Médio sob enfoque de gênero. In: **Anais...** Congresso Internacional de Educação Física-FIEP, 21, 2006, Foz do Iguaçu. Boletim da Federação Internacional de Educação Física. Foz do Iguaçu, 2006. v. 76, p. 318-322.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto, Portugal. PORTO EDITORA, 1994.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**, 3o e 4o ciclos, v. 7, Brasília: MEC, 1998.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**, Ensino Médio. Brasília: MEC, 1999.
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, 2009.
- COSTA, L. C. A.; NASCIMENTO, J. V. Prática pedagógica de professores de educação física: conteúdos e abordagens pedagógicas. **Journal of Physical Education**, v. 17, n. 2, p. 161-167, 2006.
- CHICATI, K. C. Motivação nas aulas de Educação Física no Ensino Médio. **Revista da Educação Física – UEM**, Maringá, v.11, n.1, p. 97-105, 2000.
- DARIDO, S. C. Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. **Perspectivas em educação física escolar**. Niterói, v.2, n.1, p. 5-25, 2001. Suplemento.
- DARIDO, S. C. **Educação Física na escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- DARIDO, S. C. Os conteúdos da Educação Física na escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (orgs.). **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, p. 64-78.
- DIAS, C. A. G. “Cocebagem filosófica”: funções e significados da “aula livre” na escola. In: **Anais...** Encontro Fluminense de Educação Física Escolar, 2005, Niterói: UFF, 2005. v. 1, p. 125-128.
- DURAND-DELVIGNE, A; DURU-BELLAT, M. Co-educação e construção do gênero. In: MARUANI, M; HIRATA, H. (Orgs.). **Homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo: SENAC, 2003. p. 101-110.
- HINO, A. A. F.; REIS, R. S.; ANEZ, C. R. R. Observação dos níveis de atividade física, contexto das aulas e comportamento do professor em aulas de educação física do ensino médio da rede pública. **Revista Brasileira de atividade física & saúde**, Londrina, v. 12, n. 3, p. 21-30, set./dez. 2007.
- HIRAI, R. T.; CARDOSO, C. L. Para a compreensão da concepção de “aulas abertas” na educação física escolar: orientada no aluno, no processo, na problematização e na comunicação. **Motrivivência**, n. 27, p. 119-138, 2006.

LIMA, F. M.; DINIS, N. F. Corpo e gênero nas práticas escolares de Educação Física. **Currículo Sem Fronteiras**. v. 7, p. 243-252, 2007.

LOUZADA, M. *et. al.* Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 28, n.2, p.55-68, jan. 2007.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, D. L.; SOARES, A. J. G. Cultura e educação física: uma análise etnográfica de duas propostas pedagógicas. **Movimento**, Porto Alegre, p. 687-709, mar. 2014.

OLIVEIRA F.; M. *et al.* A Educação Física escolar na cidade de Pelotas, RS: contexto das aulas e conteúdos. **Journal of Physical Education**, v. 23, n. 1, p. 69-78, 2012.

SANTOS, F.; LUANA, M.; GRAEBNER, L.; MATIAS, T. S. Percepção de alunos sobre as aulas de educação física no ensino médio. **Pensar a prática**, v. 17, n. 3, 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992.

APÊNDICE 1



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru



Bauru, 15 de Abril de 2019.

Prezadas Diretora e Professor (a) de Educação Física,

Na perspectiva de contribuir com a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Educação Física da UNESP/Bauru, venho mui respeitosamente solicitar consentimento para a realização do projeto de pesquisa intitulado **"As "aulas livres" para professores e alunos na Educação Física no Ensino Fundamental II e Ensino Médio"**.

O referido projeto de pesquisa a ser desenvolvido pela **Mariane Alves da Corte Gonçalves** sob minha orientação, tem por objetivo central **"Investigar o reconhecimento, por parte de professores e estudantes, do conteúdo das "aulas livres" desenvolvido nas aulas de Educação Física."** Para tanto, prevê observações e intervenções nas respectivas aulas com uma turma do ensino fundamental, fazendo uso de observações das aulas de Educação Física e entrevistas com a devida autorização dos sujeitos envolvidos em documento específico, para uso exclusivamente acadêmico.

Sem mais para o momento, agradeço e me coloco a disposição para dirimir eventuais dúvidas

Nome da coordenadora da pesquisa: Lílian Aparecida Ferreira
Professora do Departamento de Educação Física da UNESP/Bauru
Fone: (14) 99701-3739 E-mail: lilian.ferreira@unesp.br

APÊNDICE 2

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA CAMPUS DE BAURU

Faculdade de Ciências

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Bauru, _____ de _____ de 2019

Olá, estamos convidando você para participar do trabalho intitulado “Investigar o ponto de vista das “aulas livres” para professores e alunos na Educação Física no Ensino Fundamental II e Ensino Médio”. O objetivo do trabalho é investigar o reconhecimento, por parte de professores e estudantes, do conteúdo das “aulas livres” desenvolvido nas aulas de Educação Física junto às escolas públicas estaduais de São Paulo.

A sua participação irá ajudar outras pessoas a compreenderem o significado das “aulas livres” nas aulas de Educação Física, contribuindo para que sejam divulgados e pensados modos de ensinar que melhor favoreçam as aprendizagens dos estudantes.

Você irá responder a uma entrevista semiestruturada contendo perguntas sobre a dinâmica das “aulas livres” de Educação Física. Também serão observadas aulas de Educação Física nas quais você esteja participando. A entrevista será aplicada em momentos que não comprometam suas aulas e com a autorização do/a seu/sua professor/a. As observações serão realizadas por um/a pesquisador/a que não fará qualquer interferência nas aulas e nem avaliará seu comportamento, registrando-as em um caderno de anotações.

Os riscos da pesquisa estão vinculados à eventuais desconfortos para responder o questionário ou para ser observado/a. Em caso destas ocorrências o/a pesquisador/a irá oferecer todo o suporte necessário.

Não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito seu. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado sua participação.

Caso você não entenda algo sobre o questionário, não goste de qualquer situação que identificar durante as observações ou tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar a aluna Mariane Alves da C. Gonçalves, responsável pela pesquisa, pessoalmente ou pelo telefone (13) 99621-0802.

Não vamos falar seu nome/identificação em nenhum lugar, nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa. O que você fizer ou falar durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pelo/a pesquisador/a.

Você não receberá nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa.

Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações da resolução nº 466 de dezembro de 2012 do CNS, elas falam sobre o respeito ao ser humano que participa de pesquisas.

Eu _____
aceito participar da pesquisa.

Assinatura do menor

Assinatura do/a pesquisador/a

Nome da coordenadora da pesquisa: Lílian Aparecida Ferreira
Fone: (14) 99701-3739
E-mail: lilian.ferreira@unesp.br

APÊNDICE 3

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA CAMPUS DE BAURU

Faculdade de Ciências

Bauru, _____ de _____ de 2019

O/a menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado/a como voluntário/a para participar da pesquisa intitulada “Investigar o ponto de vista das “aulas livres” para professores e alunos na Educação Física no Ensino Fundamental II, e Ensino Médio”. O objetivo do trabalho é investigar o sentido das “aulas livres” para professores e alunos na Educação Física, discutindo a importância da relação com o currículo escolar ou material utilizado para realização das aulas.

A participação dele/a irá ajudar outras pessoas a compreenderem o significado das “aulas livres” na escola, contribuindo para que sejam divulgados e pensados modos de ensinar que melhor favoreçam as aprendizagens dos estudantes.

Ele/ela irá responder a uma entrevista semiestruturada contendo perguntas sobre as “aulas livres” que realiza nas aulas de Educação Física. Também serão observadas aulas de Educação Física nas quais ele/ela esteja participando. A entrevista será aplicada em momentos que não comprometam as aulas dele/a e com a autorização do/a professor/a. As observações serão realizadas por um/a pesquisador/a que não fará qualquer interferência nas aulas e nem avaliará o comportamento do/a seu/sua filho/a, registrando-as em um caderno de anotações.

Os riscos da pesquisa estão vinculados à eventuais desconfortos que ele/ela sentir para responder a entrevista ou ao ser observado/a. Em caso destas ocorrências o/a pesquisador/a irá oferecer a ele/ela todo o suporte necessário.

Ele/ela não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito dele/a. Também não terá nenhum problema se ele/ela quiser desistir da pesquisa depois de tê-la iniciado.

Caso você tenha alguma dúvida sobre a entrevista, as observações ou necessite de qualquer outro esclarecimento sobre a pesquisa, pode procurar a aluna Mariane Alves da C. Gonçalves, responsável pela pesquisa, pessoalmente ou pelo telefone (13) 99621-0802.

O nome/identificação do/a seu/sua filho/a não aparecerá em nenhum lugar, nem repassaremos as informações dele/a a qualquer outra pessoa. O que for feito ou falado durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pelo/a pesquisador/a.

Seu/sua filho/a não receberá nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa.

Os direitos do/a seu/sua filha serão respeitados, seguindo as orientações da resolução nº 466 de dezembro de 2012 do CNS que tratam do respeito ao ser humano nas pesquisas científicas.

Eu _____
_____ autorizo meu/minha filho/a a participar da pesquisa.

Assinatura do responsável

Assinatura do/a pesquisador/a

Nome da coordenadora da pesquisa: Lílian Aparecida Ferreira
Professora do Departamento de Educação Física da UNESP/Bauru
Fone: (14) 99701-3739
E-mail: lilian.ferreira@unesp.br

APÊNDICE 4

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA CAMPUS DE BAURU

Faculdade de Ciências

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Bauru, _____ de _____ de 2019.

Olá, estamos convidando você para participar da pesquisa intitulada “Investigar o ponto de vista das “aulas livres” para professores e alunos na Educação Física no Ensino Fundamental II e Ensino Médio”. O objetivo do trabalho é investigar o reconhecimento, por parte de professores e estudantes, do conteúdo das “aulas livres” desenvolvido nas aulas de Educação Física junto às escolas públicas estaduais de São Paulo.

A sua participação irá ajudar outras pessoas a compreenderem o significado das “aulas livres” nas aulas de Educação Física, contribuindo para que sejam divulgados e pensados modos de ensinar que melhor favoreçam as aprendizagens dos estudantes.

Você irá responder a uma entrevista contendo questões sobre as “aulas livres” que desenvolve nas aulas de Educação Física. Também serão observadas suas aulas de Educação Física, por um período aproximado de 1 mês (8 aulas). A entrevista será realizada em momentos que não comprometam suas aulas. As observações serão realizadas por um/a pesquisador/a que não fará qualquer interferência nas aulas e nem avaliará seu comportamento, registrando-as em um caderno de anotações.

Os riscos da pesquisa estão vinculados à eventuais desconfortos para responder as questões da entrevista ou para ser observado/a. Em caso destas ocorrências o/a pesquisador/a irá lhe oferecer todo o suporte necessário.

Não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito seu. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado sua participação.

Caso você não entenda algo sobre a entrevista, não goste de qualquer situação que identificar durante as observações ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar a aluna Mariane Alves da C. Gonçalves, responsável pela pesquisa, pessoalmente ou pelo telefone (13) 99621-0802.

Não vamos falar seu nome/identificação em nenhum lugar, nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa. O que você fizer ou falar durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pelo/a pesquisador/a.

Você não receberá nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa.

Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações da resolução nº 466 de dezembro de 2012 do CNS, que trata do respeito ao ser humano nas pesquisas científicas.

Eu _____
aceito participar da pesquisa.

Assinatura do/a professor/a

Assinatura do/a pesquisador/a

Nome da coordenadora da pesquisa: Lílian Aparecida Ferreira
Professora do Departamento de Educação Física da UNESP/Bauru
Fone: (14) 99701-3739
E-mail: lilian.ferreira@unesp.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências - Bauru



PERSPECTIVA DE ALUNOS E PROFESSORES SOBRE AS AULAS LIVRES
NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Mariane Alves da Corte Gonçalves

Autora: Mariane Alves da Corte Gonçalves

Lilian Aparecida Ferreira

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Aparecida Ferreira



Scanned with
CamScanner